

TRÂNSITOS FRONTEIRIÇOS: AS FACES CONTEMPORÂNEAS DO DESLOCAMENTO POPULACIONAL BOLIVIANO COM BASE NAS NARRATIVAS DOS PESQUISADORES DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

*Vanessa Generoso Paes**

Resumo: Este artigo estabelece um diálogo com as entrevistas dos intelectuais bolivianos resultante da dissertação de mestrado, para a qual foi coletado um total de vinte e sete histórias de vida. Este artigo contemplará a análise dos discursos dos intelectuais bolivianos sobre o processo de deslocamento dos emigrantes bolivianos no período contemporâneo. Assim, suas narrativas serão analisadas com base em um diálogo entre suas linhas de argumentação enfatizando a diáspora boliviana, a feminização da imigração e a nova constituição da família no contexto migratório. Almeja-se indagar sobre a pluralidade de discursos interpretativos do processo de deslocamento dos bolivianos no contexto latino-americano, para, com isso, garantir a diversidade de posicionamentos frente a tal acontecimento. Esse processo reflexivo dará suporte para se pensar na historicidade dos deslocamentos populacionais contemporâneos.

Palavras-chave: Deslocamentos. Diáspora. Feminização da migração. Família transnacional. Bolivianos.

Border transit: the contemporary faces of the Bolivian population displacement based on the narratives of migration studies' researchers

Abstract: This article establishes a dialogue with Bolivian intellectuals' interviews that resulted from the master thesis, for which a total of twenty seven life stories was collected. This article will cover the analysis of the discourses of Bolivian intellectuals about the process of the displacement of Bolivian immigrants in the contemporary period. Thus, their narratives will be analyzed based on a dialogue with their lines of argumentation emphasizing the Bolivian diaspora, the feminization of immigration and the new family constitution in the context of migration. The aim is to inquire about the plurality of interpretative discourses on the process of Bolivians displacement in Latin- American context, in order to thereby ensure the diversity of positions on this event. This process will support reflective thinking on the historicity of contemporary displacements.

Keywords: Displacements. Diaspora. Feminization of migration. Transnational family. Bolivians.

* Mestre em História Social com bolsa FAPESP e pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP/DIVERSITAS).

Este artigo parte do entrecruzamento de trechos das entrevistas realizadas com os pesquisadores bolivianos nas cidades de Santa Cruz de la Sierra e La Paz em agosto e setembro de 2010 associando-as aos conceitos desenvolvidos pelas linhas interpretativas cunhadas pelos próprios pesquisadores em seus estudos sobre a imigração boliviana para diversos países, tais como Argentina, Brasil, Chile, Estados Unidos, Espanha e alguns países da Europa.

Assim, foram utilizados os procedimentos da história oral para a construção do corpus documental da pesquisa.¹ Destarte, a história oral foi entendida como um conjunto de procedimentos que:

se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (HOLANDA; MEIHY, 2007, p. 15).

É importante ressaltar que existem diferenciados posicionamentos do que seja história oral na sociedade contemporânea, contudo, neste texto vinculou-se à linha exposta acima.

A Bolívia, assim como o México, Porto Rico e Equador, é um país caracterizado pela diáspora, sendo a emigração um fenômeno histórico-estrutural pelo qual uma parcela significativa de pessoas escolhe outros países para viver como forma estratégica de sobrevivência. O crescimento acelerado de diversos grupos de pessoas dentro da Bolívia leva a pensar no caso boliviano como sendo significativo para os estudos migratórios internacionais da América Latina.

O sociólogo boliviano Alfonso Hinojosa Gordonava descreveu, em um dos seus livros (2009), que um dos elementos importantes ao se analisar a migração dos bolivianos deve ser a constituição da Bolívia enquanto nação, pois

Trata-se de reconhecer que em nosso país, sumamente heterogêneo, se sobrepõem diferentes tempos, culturas, economias e nacionalidades; e, portanto, dinâmicas e lógicas demográficas distintas. A Bolívia não terminou de resolver o problema nacional e não pode constituir-se num Estado que reflete a nação. É dizer que o projeto de um Estado-nação que, em termos clássicos, representa

¹ Todas as entrevistas citadas neste artigo foram traduzidas da língua espanhola para a língua portuguesa; posteriormente transcritas e transcriadas, assim como, foram autorizadas para uso. Os trechos das entrevistas utilizadas neste artigo encontram-se na íntegra na pesquisa de mestrado: PAES, Vanessa Generoso. Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

uma nacionalidade, culturas (homogênea) e um território, foi um projeto inacabado, inconcluso. O projeto nacional tratou por implementar-se de diferentes maneiras durante nossa vida republicana. Em um primeiro momento, por meio da total negação e exclusão das diferenças e da existência de culturas e diferentes nações; assim se constituiu uma dupla República, com uma bolivianidade que se reproduziu em alguns centros urbanos, rodeada por outra bolivianidade em que prevalecia uma variedade de culturas que eram ignoradas e as quais só eram lembradas no momento da cobrança de impostos, quando queriam mão de obra barata ou de soldados dóceis para as aventuras militares da outra Bolívia. Posteriormente, com a Revolução de 1952, tratou-se de constituir um Estado-nação por meio de transformações, desenvolvidas e administradas pelo Estado, que buscava a integração do conjunto da população boliviana. Com este objetivo decretou-se o voto universal, nacionalizou-se as empresas produtivas mais importantes, apostou-se na constituição de um mercado nacional, e a reforma agrária foi implementada (para expandir o mercado e integrar os indígenas, desde então proprietários de suas terras) inicia-se a denominada marcha para o Oriente e já se incentivava o desenvolvimento de um polo econômico em Santa Cruz como uma maneira de integrar geograficamente o país. Finalmente, aboliu-se a palavra índio para nomeá-los como povos originários, rebatizando-os como campesinos (delimitando sua identidade no âmbito produtivo). Em todo caso, os movimentos populacionais vividos intensamente dentro das fronteiras nacionais devem ser também considerados a partir de uma perspectiva maior que os vínculos entre Estados nacionais, e as análises da dinâmica interna e externa. (GORDONAVA, 2009, p.18, tradução da autora).

Os argumentos levantados por Alfonso Hinojosa Gordonava são de que não se pode entender o processo migratório boliviano como um fator recente, pois os deslocamentos dos povos originários dentro do território boliviano advêm de um longo processo histórico pré-hispânico, de tal modo que, para o autor, as migrações contemporâneas têm elementos que a vinculam com processos históricos anteriores, principalmente, os vínculos de parentesco e a dimensão de complementaridade socioeconômica em que grupos familiares ou circunvizinhos ajudam outros grupos no deslocamento.

Nessa linha argumentativa, Alfonso Hinojosa Gordonava aponta que na Bolívia, principalmente nas regiões de vales, a dimensão cultural destacou, desde o período pré-hispânico, diversos povos originários que residiam no altiplano e nos vales centrais “movimentando uma cosmovisão espaço-cêntrica que se manifestava em sua permanente mobilidade e utilização de diferentes espaços geográficos e ecológicos, de tal maneira que as migrações foram uma invariável em suas práticas de sobrevivência e reprodução social” (2009, p.18, tradução da autora). Essa perspectiva de análise traz alguns elementos que foram discutidos na dissertação de mestrado: uma visão particular dos narradores ao entrelaçarem seus deslocamentos a elementos culturais e, às vezes, de cunho religioso. Assim, o sociólogo explicou em sua entrevista que

a migração boliviana é um problema estrutural da sociedade e de sua composição, por exemplo, não fazendo parte de um desenvolvimento recente, é um fator histórico antigo e que passou por vários momentos históricos, obedecendo diferentes dinâmicas. A maioria é migração laboral. As pessoas partem cedo, são trabalhadores adjacentes que seguem com destino à Espanha e aos Estados Unidos, vão sem titubear, sendo os outros países destinos limítrofes, principalmente Argentina e Brasil. O Chile também foi uma escolha do passado, para onde foram muitos bolivianos. (Alfonso Hinojosa Gordonava, mais de 40 anos, residente em La Paz, na Bolívia, entrevista realizada em 04/10/2010, tradução da autora).

As análises desenvolvidas por Alfonso Hinojosa Gordonava desconstróem as explicações que tentam vincular o processo migratório boliviano como sendo uma problemática recente, motivada, somente, por crises econômicas. O sociólogo salienta que a migração boliviana é uma questão cultural, em que prevalece uma cosmovisão do espaço e do tempo manifestado no contínuo processo de deslocamento dos povos. De acordo com ele, o processo migratório obedece a tal composição integrando as práticas de sobrevivência dos grupos, uma vez que o clima e a composição do espaço dos Andes influenciam o deslocamento em virtude das geadas, produzindo o ambiente ciclos naturais, os quais, por sua vez, interferem no constante deslocamento de tais povos, principalmente de algumas regiões de Oruro, La Paz, Potosí. Atualmente, interpretações como esta voltaram a ser discutidas em virtude do aquecimento global, que provoca o degelo das montanhas interferindo no espaço desses povos e motivando as conhecidas migrações forçadas.

A psicóloga Fabiana Chirino, que concedeu entrevista para esta pesquisa, explicou que as vertentes migratórias mais estudadas na Bolívia são os deslocamentos andinos, que se aproximam das características migratórias equatorianas. Ela destaca:

Agora, nós temos entrado em contato com bases de investigação prévias e com teorias das linhas de estudo equatoriana, porque a migração mais estudada na Bolívia é a migração andina; porque uma das primeiras migrações que ocorreram foi a do oriente boliviano; os migrantes de Santa Cruz, em grande parte vão para a Argentina, Estados Unidos, Espanha e Brasil. Depois da migração andina, ocorre uma migração interna na Bolívia para Santa Cruz e Santa Cruz tem saltos migratórios. Então, aqui, por exemplo, em todo nosso estudo, eu entrevistei um variado número de pessoas que nunca havia emigrado para o Brasil. Então, podemos dizer que, de todas as ondas migratórias, a que vai para o Brasil é uma das menores, não dá para ter certeza, pois não há muitos dados nem muitos estudos sobre essa emigração aqui na Bolívia. (Fabiana Chirino, mais de 35 anos, residente de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, entrevista realizada em 14/10/2010, tradução da autora).

As informações estabelecidas por Chirino são importantes porque explicam que, antes de ocorrer a migração transnacional, existe um deslocamento interno boliviano, pelo qual pessoas saem das províncias com destino às capitais, para posteriormente irem aos destinos escolhidos. Esse deslocamento interno aciona um estranhamento, e ao mesmo tempo, um alargamento das percepções de espaço e do tempo. Pode-se dizer que:

Em 1976, cerca de 20% da população vivia em um local diferente de seu local de nascimento, no ano 1992 essa cifra subiu para 28% e no ano 2000 chegou a 34% (dados da Encuesta Continua de Hogares, Proyecto MECOVI de 2000). Ainda que não se disponha de informação oficial para os primeiros anos do novo século, podemos assegurar sob a base de outros indicadores que essa porcentagem tem subido. Da população que habita regularmente as áreas urbanas, 37,6% nasceram em outro lugar. No campo, esse dado baixa para 29,6%. Isso reafirma que os processos migratórios internos são cada vez mais intensos. Nesse sentido, se confirma o que diversos estudos refletem sobre os estreitos vínculos que unem experiências migratórias internas com a decisão de migrar fora das fronteiras nacionais como aspectos de um mesmo processo de mobilidade e de circulação no espaço. (GORDONAVA, 2009, p.26, tradução da autora).

Outra perspectiva importante da questão migratória advém dos ativistas políticos que trabalham diretamente com os problemas vivenciados pelos emigrantes e produzem uma intervenção na comunidade baseados nos direitos humanos para melhorar a vida dos emigrantes. Observe-se o posicionamento de Maria sobre a questão migratória.

Outro elemento que considero importante é que nós, ativistas, vemos que a migração é um direito da pessoa; sendo assim, ela é positiva porque junto à migração vai o desenvolvimento, a interculturalidade, o respeito, o crescimento, a abertura do horizonte, de novas visões que o sujeito irá construir para si. Então, acredito que seja forte e positivo. Não vejo a migração como um fator negativo, claro, ela traz, em si, algumas coisas negativas que são próprias do movimento. Tipo, se em Santa Cruz a migração fosse mais ordenada e os recursos fossem mais equitativos teríamos, quiçá, uma qualidade de vida da população um pouco melhor. (Maria, mais de 45 anos, residente de Santa Cruz, na Bolívia, entrevista realizada em 12/10/2010, tradução da autora).

Posicionamentos teóricos como esses desestabilizam os argumentos que veem a migração como um fator “negativo” ou como um condicionante que só acarreta problemas nas sociedades de saída e destino do emigrante. A ativista vê o processo migratório como multifacetado, que permite ao emigrante uma ampliação em sua percepção sobre o mundo.

É necessário dizer que a migração internacional é um processo que apesar de iniciar no país de origem, requer para sua materialização motivações e meios para agenciar o deslocamento, **“sentimento de insatisfação ou precariedade (objetivo ou não) e expectativas de mudança e as-**

censão social, antecedentes migratórios na família, círculo de amigos ou de vizinhos, pressão social e posse dos recursos mínimos necessários para emigrar.” (CHIRINO, 1998, p. 26, grifo de Chirino. Tradução da autora). Assim, percebe-se que o fenômeno migratório é “multicausal e complexo”, sendo os seus vetores influenciados por aspectos históricos, pessoais, culturais, econômicos e subjetivos.

A concepção de família irá sofrer um alargamento com o processo migratório. No início desta pesquisa, pensava-se que o deslocamento ocasionasse uma desestruturação da família boliviana já que, em outros momentos, a família ficava dividida com o processo migratório. Foi possível visualizar, contudo, que existe uma nova configuração familiar mediante a negociação que se dará entre os parentes envolvidos. A reconfiguração familiar se caracteriza por desenvolver técnicas e procedimentos para a adaptação de uma nova convivência mediante a utilização das novas tecnologias da informação, tais como: internet, telefone, Skype, os quais, por sua vez, dão origem a uma nova reorganização das relações à distância. Logo, não há uma quebra total dos laços afetivos e sim, uma nova reconfiguração da família.

Esse novo tipo de família vem sendo denominado pelos pesquisadores bolivianos como *família transnacional*, pois desestabiliza os modelos de família tradicional localizado no mesmo espaço e tempo, e apresenta uma nova realidade onde há uma construção de outro modelo familiar (LEVITT; GLICK, 2004). Pode-se observar essa nova configuração de família no relato da colaboradora Cláudia, que em um primeiro momento ficou na Bolívia com seu filho de dois anos, enquanto os outros filhos foram trabalhar no Brasil e enviavam dinheiro para ela e o irmão caçula...

Não houve uma quebra na relação parental e sim, uma nova reconfiguração que mantinha relações afetivas, inclusive de dependência econômica frente ao envio de remessas financeiras para auxiliar na manutenção do clã que ficou em La Paz. No entanto, essa concepção de família transnacional não pode ser aplicada para o clã familiar Patzi, entrevistado para esta pesquisa, pois o patriarca, ao perder a esposa na Bolívia, veio para o Brasil com seus três filhos e, depois de um período, casou com uma brasileira, estendendo o número de filhos e aumentando sua família no Brasil.

Alguns estudiosos, tal como Germán Guaygua (2010), dizem que em sua maioria a família emigra gradativamente e não é uma regra a emigração total de todos os entes familiares, mas, sim, se formam redes familiares de migração gradual, principalmente ao se tratar da migração para o Brasil, em que alguns dos integrantes da família vão e vêm enquanto outros ficam.

Algumas famílias bolivianas têm características diferentes. A princípio, eram grandes famílias que vieram para o setor urbano, e o número de parentes era de quatro a seis pessoas em cidades médias. Em áreas rurais, eram de mais ou menos sete, o que significa que as famílias passavam de dez a doze pessoas. Isso é um primeiro elemento. Agora, em relação às formas de organização destas famílias, e tendo em vista a migração transnacional, digo que elas saem para outras cidades

não somente na América Latina, como também para a Europa, e são principalmente as relações familiares de parentesco ou de afinidade por lugar de nascimento que vão construindo as redes das pessoas que saem. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, entrevista realizada em Santa Cruz de la Sierra em 27/09/2010, tradução da autora).

Os argumentos utilizados pela socióloga Elisa Saldías em sua entrevista demonstram a convergência dos dados empíricos obtidos nesta pesquisa, pois se verifica que as redes sociais dos emigrantes geram laços afetivos que conectam os migrantes entre os países de origem e destino por meio das configurações de parentesco, amizade e compadrio que esses emigrantes desenvolvem no processo migratório.

A emigração também é vista como um sonho para se buscarem perspectivas de futuro, já que o idealismo motiva as pessoas a alimentarem suas aspirações, buscando formas para financiar a educação dos filhos, a construção da casa própria, melhorar a renda familiar e, até mesmo, ascender de classe social na sociedade da qual se partiu. Esses argumentos foram articulados por Elisa Saldías abaixo:

Normalmente, tem algum membro da família ou da comunidade que migra, viaja para o exterior, e muitos acreditam no paradigma que, ao viajarem, estão fazendo um bem, trabalham e obtêm recursos financeiros próprios, podendo ser inseridos em melhores condições na sociedade ao retornarem. Para muitos bolivianos, é melhor migrar do que viver na Bolívia, pois eles conseguem aumentar a renda, melhorar a educação dos filhos e investir na saúde. Existem fatores que influenciam nesse processo. As migrações são, fundamentalmente, construídas com base no contato entre pessoas, familiares, e membros da comunidade. Uma das características das famílias – e também como se imagina no Brasil e na Argentina, outro local para onde há muita migração de bolivianos – é que essas famílias e parentes recebem em sua maioria jovens. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

Conceber o processo migratório como “fato social total”, tal como desenvolvido por Sayad, pode ser articulado com o conceito desenvolvido pela psicóloga e psicanalista Fabiana Chirino e seu grupo, que pensam a migração como um fenômeno complexo e multifacetado. Partilho de tal argumento, uma vez que pensar o processo migratório como se o mesmo obedecesse apenas a um único vetor faz com que se perca a dimensão dos múltiplos fatores e das contingências que interferem na vida de um sujeito.

Outro conceito mobilizado pela psicóloga Fabiana Chirino ao estudar as famílias transnacionais é de *duelo* migratório:

Partir requer capacidade para deixar aos que se ama, para suportar a ruptura com uma vida que em muitos casos acreditava-se garantida, ou iniciar uma nova vida, emocionante ou enigmática. Em todos os casos, a perda desencadeará um pro-

cesso de reorganização afetiva que se denomina *duelo*. O termo *duelo*, proveniente do latim *duellum*, significa guerra, combate; o que nos remete a um “conflito ou briga entre dois, a consequência de um desafio” (ERA, 2001). [...] Assim, o *duelo* implica um conflito entre dois aspectos: entre o desejo de reter o perdido, de retornar ao lugar de origem; e o desejo de conhecer, de crescer e cumprir metas. É um conflito entre o que se deixa e o que se quer lograr, entre o eu e o objeto, entre a realidade vivenciada e a desejada. É um combate entre duas forças que depois da luta deverão dar passo a um reequilíbrio ou adaptação do sujeito à nova situação. No entanto, este processo não está isento de sentimentos de dor, lástima ou aflição, o que nos conduz a outra das acepções do *duelo*: dor. (CHIRINO, 2010, p. 51, tradução da autora).

Assim, pode-se dizer que o *duelo* migratório sentido pelos narradores desta pesquisa é uma espécie de contradição permanente entre o anseio de ficar com seus familiares e o dever de construir alternativas de sobrevivência e construção de projetos pessoais e familiares fora de seu lugar. É uma espécie de situação existencial que conduz as pessoas a criarem estratégias de mudança para suas vidas.

No livro que publicamos fazemos uma leitura complexa da migração, ou seja, nós incorporamos a teoria da complexidade para poder entender um fenômeno atravessado por múltiplos fatores sócio históricos, socioeconômicos, psicológicos e também histórico pessoais, ou seja, varia as condições sobre como se dá a migração. A migração latino-americana tem sido caracterizada por causas econômicas, não porque estamos vivendo em países em desenvolvimento onde há crises que nos afetam e a Bolívia é um país que viveu várias crises econômicas em seu percurso histórico. Então, à medida que há polos de atração, sem trabalho, as pessoas migram, não porque começaram a viver pior, vivem como viviam sempre e podem continuar a viver assim; mas surgem outros polos de atração como para se obter uma melhor perspectiva econômica e social de vida. O fator econômico é fundamental, mas ele está ligado ao avanço social, e não importa se estou indo limpar o chão em outro país, não importa se vou trabalhar e me submeter a situações de quase escravidão, mas vou juntar um capital e retornarei com outro estatuto social ao meu país. E outra questão relevante é a ascensão econômica e social que consigo ao migrar. Isso é importante. (Fabiana Chirino, mais de 35 anos, residente de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, entrevista realizada em 14/10/2010, tradução da autora).

Outro fator que vem crescendo no cenário global dos processos migratórios e no contexto boliviano e que tem se tornado um forte vetor é a feminização da migração. Com o processo de ascensão feminina no mercado de trabalho, aumentou o número de mulheres, inclusive, de mulheres que se tornaram provedoras das famílias; além disso, é de se mencionar outro fator que é o fato de, no processo migratório dos bolivianos para a Espanha, grande parcela ser constituída por mulheres devido às vagas em setores do mercado de trabalho que antes estavam disponíveis ao mercado europeu, tais como: empregadas domésticas, babás e cuidar de idosos. Esse proces-

so de feminização e de mudanças de papéis no cenário da migração foi exemplificado por Fabiana Chirino.

Também temos encontrado, porque nos Estados Unidos há um fenômeno adicional que é a feminização da migração. Quem migra? Mulheres. Então, nessa migração invertem-se os papéis das mulheres dentro da família que ficou, e isso modifica o relacionamento, mexe nas relações de poder. Pode perturbar a família porque a pessoa que migra coloca, investe dinheiro na família e, com isso, eleva-se seu status e pode fazer o que quiser. Veja, existem transformações, as mulheres migram e por vezes encontram parceiros temporários nos países receptores; o parceiro continua a sua relação, mas não se separam, pois o homem que ficou necessita do dinheiro. Então, existe uma liberdade econômica e sexual das mulheres na migração. As relações se transformam, então, nesse contexto de feminização; temos encontrado que, às vezes, a migração é uma forma de sair de relações familiares conflituosas. Como nunca poderiam se separar, mas agora que o meu amigo se foi, eu também vou. Migrar é uma maneira de me desvencilhar da relação que não suporto, mas que tampouco quero romper, pela família, pelos filhos, e por outros fatores. (Fabiana Chirino, mais de 35 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, entrevista realizada em 14/10/2010, tradução da autora).

A reconfiguração familiar no contexto migratório mexe nas relações de poder outrora constituídas, em que a distância leva o sujeito a ampliar o campo de análise sobre os papéis desempenhados na família e, ainda, faz com que os sujeitos envolvidos no processo produzam novas concepções de si mobilizando posturas e poderes envolvidos. Uma vez que os sujeitos iniciam o processo migratório, as percepções outrora “engessadas” são postas em xeque fazendo com que tanto quem fica no país de origem quanto quem parte para seu lugar de destino não sejam mais os mesmos, pois o processo migratório modifica as relações de parentesco e relações sociais estabelecidas. Percebe-se essa modificação no discurso de Jenny Caballero, que veio para o Brasil para casar com um filho de boliviano, mas que, ao chegar ao Brasil, passou a tecer críticas à constituição da família boliviana, principalmente, ao caráter conservador e machista da mesma.

Então, a emigração também é uma saída individual para resolver os conflitos. Pensamos a emigração como algo complexo, mas não vamos considerar como fator unicausal e, sim, multicausal, são muitos os fatores e não há como coordená-los porque não há como coordenar a vida, mas o contexto sócio histórico coordena; e nessa relação se dá a migração. E isso mostra que o esquema não é somente a emigração e várias flechas, mas são coordenadas que cruzam, atravessam a vida de uma pessoa e que a leva a tomar a decisão de emigrar. E migram não os mais fracos, mas aqueles que têm alguma resistência à frustração, mesmo aqueles com recursos econômicos, porque você tem que ter dinheiro para comprar a passagem, você tem que ter algo para se respaldar. Então, é uma garantia, vou deixar a minha casa, emprestar dinheiro; como a emigração de classe média, porque a classe baixa não pode fazer isso, não tem dinheiro para a passagem, não

pode fazer nada, nem emprestar dinheiro para a viagem. (Fabiana Chirino, mais de 35 anos, residente de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, entrevista realizada em 14/10/2010, tradução da autora).

A perspectiva subjetiva elencada por Fabiana Chirino revela que as pessoas desenvolvem alternativas para lidar com a frustração, pois o que fazer ao terminar um curso de graduação e não ter campo de trabalho no departamento ou país em que vive? Essa foi uma pergunta levantada por um engenheiro boliviano que reside em São Paulo. Disse que resolveu vir para o Brasil realizar um curso de pós-graduação para poder encontrar uma forma de “manter seus sonhos vivos”, pois no estado do qual saiu, Cochabamba, não conseguia emprego e seria mais um graduado no setor informal da cidade. Percebe-se que, independente da camada social à qual a pessoa pertencia quando partiu, uma grande parcela de jovens bolivianos tem construído alternativas de projetos para o futuro na prática da migração internacional.

Alguns sociólogos bolivianos, tais como Germán Guaygua (2010), Alfonso Hinojosa Gordonava (2009), Fabiana Chirino (2009), Xavier Albó (1982), entre outros, dizem que ao se analisar o percurso internacional ou transnacional, é necessário ver a rota interna realizada pelos sujeitos antes de ocorrer o cruzamento da fronteira, pois as pessoas que comumente seguem para Europa e Estados Unidos advêm de polos urbanos, enquanto as pessoas que saem das regiões de vales e dos Andes fazem outras rotas. O sociólogo Juan descreve abaixo como funcionam as rotas.

Não há mudança na base e o princípio da emigração é geral. A migração contemporânea, e é certo que tem existido a migração europeia e a americana, alguns países como a Bolívia praticam a migração interna, e é muito forte a migração interna até o oriente; e digo migração interna porque considero que esta é fundamental para entender os deslocamentos na América do Sul. Provavelmente 80% da migração de bolivianos para o exterior são para os países fronteiriços, para países da América do Sul, com maior incidência para a Argentina, onde encontramos um maior número de pessoas vivendo, e o segundo país onde encontramos uma concentração de compatriotas é o Brasil; mas em nível mundial a demanda mais importante é a Europa. E tem sido a Espanha que atualmente tem sido escolhida como país de destino dos emigrantes bolivianos. E o terceiro eixo de destino são os Estados Unidos, que têm um número equivalente de emigrados, equiparando-se ao Brasil. (Juan, mais de 45 anos, residente em La Paz na Bolívia, entrevista realizada em 01/10/2010, tradução da autora).

Uma das profissões desempenhadas na Europa por mulheres é a atividade de cuidar de idosos, além de babás e empregadas domésticas. Com base nas entrevistas realizadas, pode-se dizer que, em virtude do alto custo para contratar profissionais nacionais ou colocar os idosos e as crianças respectivamente em casas de repouso e creches, têm se contratado

emigrantes para desempenhar tais serviços por menos da metade do valor pago a um trabalhador europeu.

Outra migração tradicional é a que ocorreu para a Europa durante os anos de 2003 a 2006 em que houve uma diversificação de pessoas: professores, técnicos e, principalmente, agricultores. E é muito diversa, pois foram trabalhar como babás, cuidar de idosos, principalmente as mulheres, sobretudo em Valencia. Outros vão trabalhar na construção e outras se dedicam a uma atividade que alguns países denominam como terapeutas. E isso ocorre na Itália e na Espanha onde se concentram o maior número de bolivianos, que se dedicam aos cuidados intensivos de crianças, mas também de anciãos, porque para muitas crianças existem as creches. (Juan, mais de 45 anos, residente em La Paz na Bolívia, entrevista realizada em 01/10/2010, tradução da autora).

Durante o período que vai de 2000 a 2006 houve um crescente aumento de pessoas que seguiam rumo à Europa, principalmente à Espanha. Segundo Cordonava (2009), essa migração apresenta peculiaridades, pois grandes parcelas desses bolivianos estavam saindo da Argentina para Espanha, em virtude da crise econômica que desestabilizou a moeda argentina, fazendo com que muitos comerciantes e pequenos empresários declarassem falência, voltando os seus olhos para Espanha como alternativa para equilibrar as perdas que muitos bolivianos tiveram no país. Tendo essa informação como princípio, o sociólogo explicou:

A questão da documentação é um componente forte da migração para o Brasil, pois muitas pessoas têm constituído família lá para terem sua situação legalizada, uma vez que ter filhos no território garante a cidadania no Brasil. Outro fator é que muitos migram como turistas e depois ficam, porque os países que fazem fronteira são receptores naturais da migração, mas isso não significa que não ocorra migração para outros lugares da mesma magnitude de outros países latino-americanos. E na Europa houve um aumento de pessoas até quando não era obrigado a ter visto para ingressar em seu território; e em abril de 2006 houve um “boom” da migração boliviana para a Europa, onde muitos foram para a Espanha, o que era menos de dez mil pessoas em um ano, passou a trezentos e cinquenta mil pessoas em outro ano. Em outro momento, houve casos de exilados políticos; e também podemos denominar o migrante como exilado econômico que vai em busca de melhores condições de vida. (Juan, mais de 45 anos, residente em La Paz na Bolívia, entrevista realizada em 01/10/2010, tradução da autora).

Cabe explicar que, em decorrência da crise que abalou a economia europeia no primeiro semestre de 2011, houve um redirecionamento das escolhas dos emigrantes que tinham a Europa como fim. Esse fator levou muitos latino-americanos a pensar no Brasil como alternativa frente à crise, uma vez que a economia brasileira estava num período de constante crescimento.²

² No site do jornal BBC Brasil a notícia “Desempregada na Espanha, boliviana quer ir a São Paulo, mas teme racismo no Brasil”, constatou que muitos latinos americanos que estavam Europa, decidiram rumar com destino

O processo migratório na Bolívia tem assumido várias vertentes. Atualmente, em virtude da configuração moderna da migração, tem-se discutido a concepção de família transnacional. Com base em Levitt e Glick (2004), Germán Guaygua (2010) aponta que o ramo de explicação da vida familiar transnacional é

a reprodução social que se dá através das fronteiras. Elas se baseiam em Bryceson e Vuorela, que definem as famílias transnacionais como aquelas cujos membros vivem com alguns ou a maior parte do tempo separados, mas ainda se mantêm unidos e criam um sentimento de união e bem estar coletivo, um processo que denominam “a família através das fronteiras nacionais”. Bryceson e Vuorela (2002) argumentam que as famílias transnacionais têm que se defrontar com as múltiplas residências nacionais, com as identidades e lealdades. Como outras famílias, as transnacionais não são unidades biológicas, mas construções sociais ou ‘comunidades imaginadas’. Assim como outras, também devem mediar a mobilidade, os recursos, os diferentes tipos de capitais e os estilos de vida. (GUAYGUA, 2010, p. 14, tradução da autora).

A reconfiguração familiar no contexto da globalização, segundo Guaygua, não implica, necessariamente, uma ausência de conflitos, mas a ampliação dos vetores explicativos que pensavam, até o momento, a família no processo migratório. O sociólogo acentua a existência de, no mínimo, dois tipos de “comunidades imaginadas” no processo migratório, as que indicam o adjetivo de “nação” e as que trazem o adjetivo de “família”, demonstrando assim que os trabalhos vinculados às famílias transnacionais ilustram como o sentimento de afinidade e pertença a um determinado grupo pode resistir por meios de adaptações e processos de negociações que atravessam as distâncias geográficas e temporais.

Em nossas investigações, percebe-se – e vários autores coincidem – que agora falamos de famílias transnacionais, especialmente porque os jovens, a população em idade economicamente ativa é a que migra, principalmente, para se inserir no mercado laboral, supostamente em melhores condições, qualidade de emprego e trabalho digno, o que é muito discutível. Mas, com base na perspectiva de jovens bolivianos que migram para outros países, eles assumem que esses países são mais desenvolvidos e que encontrarão melhores e maiores oportunidades, tanto de trabalho, quanto de saúde. Esses são componentes que a investigação apontou nesse processo. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de La Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

No mundo contemporâneo, fundado nas relações econômicas de produção, em que a globalização modifica a inserção das práticas humanas no

ao Brasil devido às informações de crescimento da economia brasileira. In: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110622_imigrante_boliviana_brasil_anelise_rw.shtml Acesso em: 22 jun. 2011.

tempo, pensar a família como uma instituição fixa, imóvel, seria extremamente contraditório, uma vez que existem variadas formas de instituição familiar e, cada vez mais, esta não é somente composta por indivíduos relacionados por laços de sangue, uniões heterossexuais ou vínculos legais. Pensar o contexto familiar contemporâneo, principalmente ao se referir a pessoas que emigraram, exige que o pesquisador esteja atento aos grupos que não necessariamente residem no mesmo local, porém que mantêm relações de reciprocidade. Nesse âmbito, as relações de parentesco podem ser redefinidas pelo espaço e integradas por outras pessoas, ampliando, assim, a concepção que se tem de família.

Migraram para Europa mais mulheres do que homens, porque a cobertura para o trabalho laboral não articulava as atividades produtivas. No caso da Argentina, a migração é tanto de mulheres como de homens, porque ambos estão inseridos principalmente em atividades têxteis, no trabalho de costura. O mesmo ocorre no Brasil. Essa é a diferença com relação à Europa, para onde 600 mil pessoas migraram nos últimos anos de Santa Cruz e do oriente boliviano. Desse total, 55% são mulheres, sendo principalmente parentes de jovens, e, em sua maioria estão entre dezoito e vinte cinco anos fundamentalmente. Então, qual é o efeito da migração? (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

Em virtude das modificações ocasionadas no século XX, as mulheres foram mobilizadas para as esferas da produção. A presença feminina no mercado de trabalho desestabilizou as relações de poder da sociedade vigente. No contexto migratório contemporâneo, tais mudanças foram visualizadas no cenário boliviano, em que, atualmente, o número de mulheres tem ultrapassado o número de homens no processo de emigração. Veja-se o relato da socióloga.

Há mulheres que são mães e elas dizem que deixam os filhos na Bolívia por um tempo determinado. São mães de famílias transnacionais porque se comunicam com seus filhos por telefone e internet. E, hoje, há tanta facilidade para poder se comunicar! Como os psicólogos sociais dizem, são mães e não estão presentes, mas mantêm o papel de atenção, de cuidado, de seguir protegendo, de seguir orientando, por meio de uma chamada ao telefone. Perguntam: “Como está?”. Eles não negam os avós. “O que necessita, como vai no colégio?”. E aqui na Bolívia: “Você sabe que fulano bateu naquela pessoa, eu te amo e tal, vai comprar o que preciso no meu aniversário?”.

Portanto, existe uma relação, apesar da distância com a mãe que partiu, que migrou e que não deixa de cumprir os papéis familiares. Embora possa ser mãe, prima, tia, avó, vizinha, mas é a maneira real e concreta de manter relação com seus filhos. Isso, obviamente, vem mudando, tem incidido nos papéis, na reestruturação dos papéis sociais em nível familiar e em grande parte nos papéis dos jovens, principalmente, nas mães e pais e jovens que migram. É um negócio a médio prazo tentar levar os filhos para o país que se foram, porque eles acreditam que as condições em termos de qualidade de vida são melhores para

seus filhos do que as oferecidas pela Bolívia. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

As relações de comunicação que os familiares mantêm com os parentes que iniciaram um deslocamento migratório desenham a manutenção de contatos entre familiares, amigos. É por meio das novas tecnologias de informação que muitas mães mantêm o contato com seus filhos, fazendo perguntas, acompanhando o desenvolvimento escolar, informando-se dos acontecimentos cotidianos do lugar. É importante ressaltar que muitas relações se desestabilizam mediante conflitos que surgem durante o processo emigratório dos pais, principalmente, se for a mãe que emigrou, pois a mesma será “cobrada” pela instituição familiar pelo papel social que deixou de exercer ao se ausentar do seu lar. A contradição é parte inerente do processo migratório e todos os envolvidos, em algum momento, serão cobrados pela ausência do ciclo familiar.

Em outro nível, há um problema. Não sei se é um problema, mas as mulheres têm mais dificuldade em conciliar a nova vida, digamos, ao retornarem para sua casa na Bolívia, porque as relações do ato de cuidar mudaram e se expressam mais claramente nelas do que nos homens no relacionamento, no sentimento de pertença familiar. Isso significa que o ambiente emocional da privacidade é muito importante para as mulheres que têm um relacionamento com os filhos, com a unidade familiar e com todos. Portanto, o choque de ter que trabalhar e deixar as crianças, a família, para a mãe é muito maior do que para os pais. É muito mais forte do que para um homem, entre os quais prevalece uma visão de gênero na qual o homem é superior, tem melhores chances de educação e sua personalidade social está mais bem trabalhada no âmbito político. A relação com a família muda. Obviamente, é importante porque eles também têm um sentido de pertencimento, mas é muito mais lógico dizer que as mulheres daquele tempo tinham um sentimento de pertença. E mais, a estrutura de personalidade social no setor privado era crucial. Essa é uma diferença importante. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

A redefinição dos papéis de gênero no processo emigratório é fundamental para se entenderem as novas configurações que ocorrem na relação familiar, assim como no empoderamento que a pessoa passa a ter, principalmente as mulheres, na composição de renda para a sustentabilidade do núcleo grupal. Tal modificação desestabiliza as relações de poder constituídas e estabelece, em algumas situações, a paridade de papéis na responsabilidade de que os novos sujeitos assumem no país de destino. Assim, a pesquisadora Elisa Saldías destaca o que mudou em relação aos contextos familiares.

Acredito que o tipo de família da atualidade, a família como grupo social, tem mudado. Hoje, não falamos mais de família nuclear, falamos de família estendi-

da, falamos de famílias transnacionais, falamos de famílias reestruturadas. Há uma série de coisas. O que está em crise hoje é a família como instituição social. Esse paradigma da família unida, da família nuclear – papai, mamãe e filhos –, onde o pai era o provedor, a mãe era abnegada e sacrificada, e os outros se ocupavam da economia familiar, do cuidado, esse tipo de família como instituição social é que está em crise e está mudando. As relações mudaram. Também mudaram em relação aos direitos das pessoas com orientação sexual diferente da orientação heterossexual conservadora. Acredito que isso é que está em causa, e não a família como grupo social primário quando se verifica claramente a construção e reestruturação de funções nas relações de afeto, de empatia, etc. Mas essa família nuclear, baseada no parentesco como função fundamentalmente da reprodução, está em crise e a migração tem visualizado e demonstrado essas mudanças, ainda que seja uma família como instituição social tradicional. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

A reconfiguração do indivíduo muda no processo de migração, pois as pessoas modificam sua relação com o mundo, sua relação consigo mesmas e com seu entorno. Há uma reestruturação dos papéis sociais por meio de processos de negociação. Segundo Elisa Saldías, não é possível dizer que migração desencadeia processos de separação entre casais ou dentro da família no plano afetivo, pois o fator que deveria ser levado em consideração seria o projeto familiar e o projeto migratório acionado no processo de deslocamento.

A questão da separação da família e do número de divórcios aumenta com a emigração. Pelo menos, é o que pesquisamos sobre famílias reestruturadas. Isso segue uma lógica, que é a construção social. Como sou socióloga, a interação social é que constrói, desenvolve relações de empatia. Então, outras realidades da vida cotidiana diferentes dessa relação de afeto, de amor, de empatia vão mudando. Essa pessoa que migrou passa por um processo de mudança, por um processo de urbanização que vai modificar sua personalidade social. Uma pessoa que viveu na Espanha por três ou cinco anos, ou no Brasil, pode voltar para seu lugar de origem e não vai viver de novo como vivia com seus parentes, porque tem uma experiência diferente e vai encontrar muitos problemas nesse nível. Possivelmente, os dois ou todos mudaram. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

O importante ao se analisarem os deslocamentos atuais é perceber o projeto migratório estabelecido pelas pessoas, pois o mesmo configura os ideais dos sujeitos para compor suas perspectivas de futuro. Apesar de o indivíduo fazer suas escolhas em contextos específicos, suas ações são contingenciais, principalmente no campo dos estudos migratórios, no qual o social e o psicológico interferem nos posicionamentos dos sujeitos. O sociólogo Alfonso Hinojosa Gordonava aponta as tendências contextuais que atualmente surgiram no campo dos estudos migratórios boliviano.

Durante todo esse século, a mulher é a “ponta de lança” das relações familiares e de trabalho. O tema da feminização das migrações explica não só a demanda laboral dos lugares de destino, como também que muitas mulheres saem com destino à Espanha para inserir-se num mercado aberto as mulheres. Saem da Bolívia para ocupar cargos femininos, e isso dá outro estatuto familiar à migração; ficam os filhos e as mães estão ausentes. Existe uma série de fatores, muito fortes, onde os papéis sociais outrora estabelecidos, entram em crise quando a mãe migra, e o paradigma familiar também entra em crise. (Alfonso Hinojosa Cordonava, mais de 40 anos, residente de La Paz, na Bolívia, entrevista realizada em 04/10/2010, tradução da autora).

A importância de se entrelaçar processo migratório com as redes sociais dos bolivianos é devida ao fato de o emigrante manter múltiplas conexões com o seu país e com sua rede de parentesco e sociabilidade por meio das tecnologias modernas de comunicação. O processo de negociação é permanente ao direcionar as novas configurações nas relações contemporâneas de construção dos afetos.

A presença da dimensão familiar quando nos referimos às redes sociais vinculadas aos processos migratórios tem uma cifra significativa fora do país, fora de nossas fronteiras. E estima-se que atinge um total de 25%, o que é muito alto, como em muitos países centro-americanos. Como se explica isso? Como explicar processos migratórios tão antigos, tão complexos, como para a Argentina, que, sem dúvida, têm dado lugar a organizações de integração social? E tudo isso se explica por meio das redes sociais que são muito fortes, solidamente articuladas. E qual a base disso? As formas de parentesco, sem dúvida. Há estudos na Argentina, de Roberto Venencia especificamente, que têm falado de vínculos fortes e vínculos fracos e estes são fortes e perpassam o interior dos processos migratórios. E estes vínculos fortes são constituídos pelas redes consanguíneas, como também pela família ampliada, pelos compadres ou redes de compadrio. (Alfonso Hinojosa Cordonava, mais de 40 anos, residente de La Paz, na Bolívia, entrevista realizada em 04/10/2010, tradução da autora).

Um exemplo dessa configuração das relações contemporâneas de parentesco é dado pelas informações de campo que o sociólogo Alfonso Hinojosa Gordonava realizou em sua pesquisa na Espanha, onde pôde perceber como se davam os vínculos afetivos, mesmo que em outro espaço, das mães com seus filhos residindo em território boliviano. Com base em tal dado, o pesquisador construiu uma linha interpretativa das novas configurações de parentesco que tem surgido com o processo global de comunicação, assim como da construção dos afetos mediante os processos migratórios contemporâneos. Veja-se o que ele disse sobre o tema:

Certa vez, encontrei-me com pai e mãe em Barcelona cujos filhos estavam aqui em El Alto e em La Paz. A mãe, por telefone, controlava as tarefas da criança. Depois, com o filho mais novo ao telefone ela o fez repetir a tabuada. Existem formas de se comunicar e, em alguns momentos, é muito barato. Então, pode

ficar meia hora, uma hora ao telefone sem que tenha um custo muito elevado. É possível que a mãe passe orientações de onde esteja. Também por telefone a filha mais velha fala sobre novelas e episódios de televisão. Então, você mantém uma relação e o vínculo por meio das ligações telefônicas e, em muitos casos, esses laços afetivos são reforçados. Não é só uma dimensão negativa na família, como também modelos alternativos de família são criados e produzidos por meio da migração. Mas é evidente que na Bolívia faltam investigações, faltam dados que nos permitam ter critérios mais precisos sobre esses casos. (Alfonso Hinojosa Cordonava, mais de 40 anos, residente de La Paz, na Bolívia, entrevista realizada em 04/10/2010, tradução da autora).

No estado de Santa Cruz de la Sierra teve-se a oportunidade de acompanhar a equipe de pesquisa do grupo coordenado pela psicóloga, pesquisadora e professora universitária Fabiana Chirino a uma escola da rede estadual de ensino. Essa pesquisa era patrocinada pela UNESCO e tinha como meta o mapeamento de famílias que emigraram para a Europa, para com isso diagnosticar e construir políticas públicas para assistir tais grupos sociais. Nessa visita percebeu-se como o problema está disseminado por todos os setores da sociedade local. Os pesquisadores trabalham com grupo focal e entrevistas individuais dirigidas. Quando algumas crianças eram convidadas a falar, muitas caíam em prantos e falavam da saudade e dor que sentiam dos pais, das brigas familiares, dos encargos de cuidar da casa, dos conflitos entre os irmãos menores que não aceitavam “ordens” vindas da irmã/irmão mais velhos. Eram visíveis os problemas da transferência de responsabilidade que o processo migratório, em tais contextos, produzia.

A influência da migração na organização familiar muitas vezes tem relação com o projeto familiar ou individual. É preciso perceber o projeto migratório e é necessário analisar o projeto familiar, por exemplo, o da Espanha, onde há muitas mulheres migrantes que deixam as filhas mais velhas cumprindo o papel de mãe. Ou seja, é a filha, geralmente a mais velha, que é colocada no comando da família, que assume o papel de mãe ou pai e passa a ser a provedora da família. Sem ser mãe, as filhas entram diretamente nessa dimensão, mas como uma filha criando o segundo ou terceiro filho. Algumas migram e já têm muito peso, responsabilidade em ajudar a criar os irmãos ou, em alguns casos, são os pais que ficam aqui.

As filhas assumem a trajetória da migração, sentem-se “mais livres”, vão pensar mais nelas; não poderão fazer parceiros por lá ao buscar outro país. O primeiro país de destino, digamos a Espanha, a mãe leva alguns irmãos, para também poder mover outros. As solteiras, por exemplo, sem filhos, vão ter uma trajetória migratória distinta, sentem-se fortemente empoderadas em outros países, em termos de geração, sexualidade, independência econômica etc. Isso vai determinar certos tipos de trajetória, um tanto diferentes das mães ou pais que têm filhos e é preciso diferenciar as funções. Para manter, a filha/mãe assume os papéis da mãe e aí é preciso ter uma trajetória migratória, onde é importante diferenciar os papéis, perceber momentos na família. Ocorre o mesmo com os recém-casados, com os filhos pequenos nesse processo, quando retornam e estão casados com filhos relativamente grandes. De uma forma ou de outra a ligação entre

a família ocorre quando os que ficam recebem as remessas; adquirem certo conforto, isso para os filhos. Os aposentados também determinam outro caminho migratório, são muitas nuances e vários fatores vão determinar diferenciadas formas de ver um caso em particular. (Alfonso Hinojosa Gordonava, mais de 40 anos, residente de La Paz, na Bolívia, entrevista realizada em 04/10/2010, tradução da autora).

Na Bolívia tem aumentado o número de jovens que migram em busca de alternativas para superar os problemas sociais. A pesquisadora relatou sobre essa temática, que por sua vez tem se tornado comum.

Os setores mais afetados pelo deslocamento são os setores populares porque eles têm uma perspectiva não só de garantir uma renda para a reprodução social e econômica da família, mas também um patrimônio. Esses jovens decidem mudar porque precisam garantir um futuro, ou seja: “Estou viajando para ganhar dinheiro. Vou ter que fazer uma casa porque, se eu continuar trabalhando na Bolívia, nas condições em que estou, vou levar quarenta anos para conseguir atingir a meta.” Eles migram, trabalham dezesseis ou dezoito horas, não importa, pois o importante é ter recurso que permita, por exemplo, construir uma casa, gerir algum negócio ou alguma atividade. Ou seja, os aspectos de alguma maneira são econômicos, mas não somente. Os mais pobres necessitam garantir a alimentação básica e a reprodução social e econômica da família, como também existe uma perspectiva de futuro em termos patrimoniais que possa permitir uma segurança e uma estabilidade econômica depois de um tempo. Por isso, estão decididos a trabalharem dezoito ou dezesseis horas nas condições mais adversas, inclusive em seu próprio país, no Brasil. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

Os especialistas no processo migratório boliviano enfatizam que é necessário verificar que uma grande parcela de jovens tem deixado sua terra em busca de alternativas para seu futuro e que em sua grande maioria não chegam nem a finalizar o ensino médio. Os argumentos dos especialistas bolivianos convergem ao apontar para a idealização de futuro que envolve tais projetos. É necessário perceber que postulados o processo migratório desestabiliza, principalmente nas novas configurações de territorialidades, das fronteiras e da vida cotidiana das pessoas dos lugares de onde saem estes migrantes para que o Estado invista em políticas públicas em tais comunidades.

Eu acredito que um dos temas importantes é a questão do espaço, do território, da região que a migração mexe. Isso implica também uma modificação na vida cotidiana e na construção social das pessoas. Temos visualizado que os riscos caem sobre as pessoas que migram. E quem migra? Pessoas com iniciativa, com perspectiva, jovens com algum nível de formação e que têm uma perspectiva de futuro. Isso mudou. Vários empresários de Santa Cruz dizem que não encontram mão de obra especializada, pedreiros, carpinteiros, porque os bons estão na

Espanha, estão por todos os lados. Acredito que essa é uma das coisas que teríamos que verificar. Temos que analisar como a migração afeta o país de diferentes formas, especialmente o jovem, a nossa força de trabalho e como isso afeta na ausência de sua família, nas comunidades, nas unidades e nas pequenas cidades. (Elisa Saldías, mais de 40 anos, residente em Santa Cruz de la Sierra na Bolívia, entrevista realizada em 27/09/2010, tradução da autora).

Como afirmou Alfonso Hinojosa Gordonava, não há como fazer generalizações com pesquisas empíricas, pois se pode correr o risco de mumificar o conhecimento e dizer que tais modelos condizem com o “real”. É importante apontar os diferenciados projetos migratórios que os sujeitos operam para explicar sua trajetória de vida. No contexto boliviano há uma multiplicidade de projetos e cada família irá construir explicações segundo os cenários presenciados no momento. Assim, percebe-se que a emigração/imigração é entendida, nesta pesquisa, como um processo complexo que abrange uma multiplicidade de vetores explicativos: socioeconômicos, socioculturais, que articulam espaço e tempo, permeiam conjunturas pessoais e familiares, sem perder de vista que as contingências atravessam a vida dos sujeitos.

Os deslocamentos populacionais contemporâneos incitam a pensar o humano na esfera social e política. Quando se refere à esfera subjetiva manuseia-se uma esfera espinhosa, pois mexe em articulações teóricas do campo das ciências que lidam com o mundo subjetivo dos sujeitos, tais como psicologia e psicanálise. Tais aportes teóricos são variados e, por vezes, contraditórios, complementares, diferenciados, múltiplos. Pensar a subjetividade dos “deslocados” é pensar esse sujeito fora do lugar, em devir, em processo, porque os processos de deslocamentos envolvem novos contextos, novas posturas, rearranjos psíquicos, nos quais os sujeitos elaboram explicações de caráter pessoal para ímpetos que ultrapassam as dimensões de sua vida e deságuam no campo do social, do político, do econômico. Estes que, por sua vez, limitam a visão das pesquisas atuais porque novas territorialidades estão sendo construídas e muitas vezes o arcabouço de métodos e teorias não dão conta de pensar o sujeito contemporâneo nas suas relações com o mundo na diáspora. Ao menos, pode-se dizer com este artigo que se tentou pluralizar o debate e as linhas explicativas sobre o que tem acontecido nos estudos migratórios latino-americanos sobre os bolivianos, dialogando com as principais linhas interpretativas desse país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÓ, Xavier; SANDOVAL, Godofredo; GREVES. *Chuquiyawu: la cara aymara de La Paz*. La Paz: CIPCA, 1982.
- CHIRINO, Fabiana; JÁUREGUI, Maggie; JORDÁN, Nelson; HOLLWEG, Karin. *Huellas migratorias: duelo y religión em las familias de migrantes del Plan Tres Mil de la ciudad de Santa Cruz*. Santa Cruz: Fundación PIEB, 2009.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- _____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GORDONAVA, Alfonso R H. *Buscando la vida: familias bolivianas transnacionales en España*. La Paz: CLACSO/ Fundación PIEB, 2009.
- _____. *Migración transnacional y sus efectos en Bolivia*. La Paz: Fundación PIEB, 2009.
- HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2001.
- LEVITT, Peggy; GLICK, Nina Schiller. *Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad*. In: Migración y Desarrollo, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. *Manual de História oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, Ano I, n. 3, p. 141-150, jan./jun. 2008.
- _____. Mas há fronteiras? *Migrações internacionais: desafios para o século XXI*. São Paulo: Memorial do Imigrante, p.31-50. 2007.
- PAES, Vanessa Generoso. *Trânsito de identidades e estratégias de negociação familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil*. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. In *Revista Brasileira de História*, v. 22, n.44, p.341-364, 2002.
- ZAMBERLAM, Jurandir. *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Pallotti, 2004.